

VIDROS TARDIOS DO CASTRO DE GUIFÕES: FORMAS, TÉCNICAS E TRAJECTOS

Andreia Arezes

FLUP – CITCEM-UP
aarezes@letras.up.pt

ABSTRACT

The aim of this text is to present a set of glasses collected in Castro de Guifões (Matosinhos), in the first campaign of excavations carried out under the GUIFARQ Project. The recovery of these elements provided a basis for material study, from which classifications and frameworks were proposed; also, lines of reflection were drawn around the importance of glass and its circulation in Late Antiquity. Relating mainly to tableware almost all these glasses result from local or regional production activity. Importation, in turn, is represented at least in a single, but remarkable, occurrence: a fragment of a bowl bearing engraved figurative decoration, currently unparalleled in the Iberia Peninsula Northwest.

Keywords: Glass; Late Antiquity; Castro de Guifões; GUIFARQ Project.

RESUMO

É objectivo deste texto dar a conhecer um conjunto de vidros recolhidos no Castro de Guifões (Matosinhos), no âmbito da I campanha de escavações desenvolvidas ao abrigo do Projecto GUIFARQ. A exumação destes elementos proporcionou uma base de estudo material, a partir da qual se propuseram classificações e enquadramentos, e se delinearão linhas de reflexão em torno da importância do vidro e da sua circulação na Antiguidade Tardia. Fundamentalmente respeitantes a formas de mesa, estes vidros resultam, na sua quase totalidade, de uma actividade de produção de âmbito local ou regional. A importação, por seu turno, surge representada pelo menos numa, mas notável, ocorrência: um fragmento de taça com decoração figurativa gravada, actualmente sem paralelo no Noroeste peninsular.

Palavras-chave: Vidro; Antiguidade Tardia; Castro de Guifões; Projecto GUIFARQ.

1. INTRODUÇÃO

O sítio que gerou o conjunto em análise, por vezes referenciado como Monte Castelo (CNS: 779), vem sendo mencionado, de forma mais ou menos circunstancial, em diversas publicações dadas à estampa desde os finais do século XIX. Se é certo que Martins Sarmiento e Leite de Vasconcelos cedo reconheceram nas estruturas nele visíveis e nos materiais coligidos testemunhos de duas etapas, a pré-romana e a romana (Vasconcelos, 1898: 270; Vasconcelos, 1901: 35), só na segunda metade do XX começou a tornar-se evidente que a ocupação teria persistido no local pelo menos até aos primeiros decénios do século V d.C.: o enquadramento cronológico de algumas recolhidas entretanto prodigalizadas, nomeadamente das *Sigillatas Africanas* Claras, assim o indicava. Com efeito, ainda nos anos 60, exumaram-se fragmentos compatíveis com os mencionados fabricos no chamado Campo da Ponte (Almeida; Santos, 1975: 50); em 2009-2010, numa intervenção a

meia encosta (Varela; Morais, 2014: 409-410); e entre 2016 e 2018, na primeira etapa do Projecto GUIFARQ, novamente no Campo da Ponte (Arezes; Varela, 2017a: 133; Arezes, Varela, 2018: 81; 102; 108).

Foi precisamente neste mesmo espaço, situado na base poente do Castro de Guifões, nas proximidades do curso final do rio Leça (Arezes; Varela, 2017a: 127-128; 131-134), que as intervenções levadas a cabo por Joaquim Neves dos Santos colocaram a descoberto um edifício de planta rectangular constituído por diversos compartimentos (Santos, 1995-96: 22). Perspectivado como testemunho da ampla remodelação implementada no Castro no quadro do Baixo Império (Cleto; Varela, 1999: 7), sobrepunha-se a uma estrutura circular (Santos, 1995-96: 22) atribuída à Idade do Ferro, o que desde logo sugeria a forte possibilidade de aquela área aplanada congregar vestígios compatíveis com a vigência de uma longa diacronia.

A persistência da ocupação no Castro de Guifões configura, pois, uma das vertentes assinaladas a propósito do sítio, sobretudo em algumas das publicações que lhe foram dedicadas nos últimos anos (Cleto; Varela, 1999: 7; Varela, 2010: 111; 144-145). Outra das características que, de modo mais recorrente, tem sido sublinhada a seu respeito, prende-se com a sua notável implantação. Uma implantação estratégica, claramente marcada pela proximidade física do Leça, o *Leza* referido na documentação medieval, com nascente no Monte Córdova (a sul do Castro do Monte Padrão) e que, pelo menos até ao século XV, terá oferecido boas condições de navegabilidade (Moreira, 2009: 47; 51; Varela, 2013: 75-76; Barroca, 2017: 232). Potencial eixo de circulação, pelo menos até ao sopé do Castro de Guifões, o Leça ficou igualmente associado a uma outra particularidade que o singularizou: o facto de os penhascos, os “leixões” existentes no seu estuário, hoje alterado e descaracterizado pela imensa infra-estrutura portuária que lhes perpetuou o nome, criarem uma espécie de “quebra mar”, um abrigo natural, garantindo às embarcações chegadas por via marítima um apertamento mais resguardado, e menos sujeito às incertezas do Douro (Blot, 2003: 48; 61; Morais, 2007: 104; Moreira, 2009: 193; Varela, 2011: 144).

Não admira, pois, que o entrosamento do Castro com as redes comerciais vigentes em diferentes períodos surja atestado na componente artefactual que, ao longo dos anos, e com recurso a diferentes metodologias, foi sendo recuperada no sítio (Morais, 2007; Varela, 2010: 144-145). Um sítio que, todavia, se encontra fortemente marcado pelos efeitos de uma série de acções invasivas que, sobretudo a partir dos anos 70 do século XX, lhe alteraram a fisionomia. Arrasamentos, aterros e novas construções vieram somar-se a prévias aberturas de caminhos e a uma prática agrícola continuada, responsáveis pela perturbação de depósitos e estruturas (Arezes; Varela, 2017a: 127-129). A mais recente dessas perturbações, já em 2018, foi motivada pelo corte massivo dos eucaliptos que pontuavam em alguns talhões da encosta, rasgados por maquinaria pesada para facilitar o rolamento dos troncos até à base. Causadora de manifestos danos materiais veio, uma vez mais, comprometer a integridade de um espaço que, actualmente, se admite ter permanecido ocupado até ao século VI (Varela, 2010: 144-145) e que, entre 1032 e 1152, voltava a dar sinais de vitalidade, conforme patenteado pelas referências ao *Castro* (ou *Mons*) *Quifiones* nos documentos coevos (Barroca, 2017: 207-208; 234).

2. OS VIDROS NO CASTRO DE GUIFÕES

Nas últimas décadas foram produzidos diversos artigos onde se focavam materiais recolhidos no Castro Guifões: fundamentalmente, cerâmicos (Almeida; Santos, 1975; Varela, 2012; Morais, 2013; Pires; Pereira, 2014; Varela; Morais, 2014). Os vidros, contudo, só muito pontualmente foram sujeitos a estudo. De destacar, a este propósito, a publicação de um recipiente completo descoberto

em 1908, e entretanto depositado no Museu Soares dos Reis (Valente, 1950, 21, fig. 4; Alarcão; Alarcão, 1964: 6, n.º 3; 7, n.º 3; 9-10)¹. Correspondente ao tipo Isings 62 ou Morin-Jean 13 (Alarcão; Alarcão, 1964: 9), teria sido soprado em molde de madeira. A forma, não sendo frequente antes do período Flávio, poderá ter persistido no século III e mesmo, eventualmente, no IV ou V (Alarcão; Alarcão, 1964: 9-10). Acerca da tipologia da peça, registre-se que Jorge de Alarcão e Adília Moutinho Alarcão a classificaram como urna (Alarcão; Alarcão, 1964: 9-10). Previamente, Vasco Valente designou-a como “boião”, muito embora ressaltando o facto ter sido recolhida na “necrópole” de Guifões (Valente, 1950: 21). Não há, porém, neste momento, informações claras a respeito da natureza e extensão de uma área funerária associada ao Castro. É certo que, de modo pontual, foram aparecendo na bibliografia menções à detecção de vestígios de enterramentos no sítio: em larga medida, esparsas, ambíguas e pouco específicas quanto à localização dos achados. Já em 1899, Godinho de Faria mencionava a recolha de uma ânfora com ossos incinerados, aquando da abertura de uma vala para drenagem de “um campo”² (Faria, 1899: 302), informação posteriormente recuperada por Guilherme Felgueiras (Felgueiras, 1958: 10). Mais tarde, na planta do dispositivo de planta rectangular identificado por Joaquim Neves dos Santos no Campo da Ponte, publicada a título póstumo, apareceriam indicações relativas à “galeria de entrada da necrópole” (Santos, 1995-96: 22). Todavia, essas indicações não chegaram a ser cabalmente esclarecidas e justificadas, até porque dos trabalhos por ele ali conduzidos não resultou a produção de um relatório pormenorizado, apenas referências pouco conclusivas em algumas publicações³ (Arezes; Varela, 2017a: 127-128). Finalmente, sublinhe-se que no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA)⁴, é feita alusão à existência de uma necrópole na plataforma nascente da elevação do Castro, a qual é dada como actualmente destruída.

Não foi, contudo, um contexto funerário a gerar os materiais apresentados neste texto: antes um espaço habitado, ainda em estudo.

3. O CONTEXTO DE RECOLHA DOS FRAGMENTOS VÍTREOS

O conjunto apresentado foi recuperado numa parcela de terreno do já evocado Campo da Ponte (Fig. 1). Atendendo ao facto de a recolha ter sido promovida no decurso da primeira escavação levada a cabo no quadro do Projecto GUIFARQ, possui contexto estratigráfico definido (Arezes; Varela, 2017b). Proceda da unidade [11], um nível desagregado, saibroso, de grão médio a grosso, tendencialmente amarelado, ainda que pontuado por áreas calcinadas dispersas⁵, detectado no interior de uma estrutura pétreia com cunhais arredondados, [09], à altura apenas parcialmente visível (Fig. 2), na medida em que, por um lado, a intervenção na área mencionada se encontrava ainda em fase preliminar e, por outro, parte do dispositivo se prolongava para além do Corte Norte, coincidente com o limite da escavação. Neste sentido, é certo que, neste momento, estão por aferir muitos dados acerca da ocupação da estrutura em causa. Não obstante, cremos que as recolhas materiais

1 N.º de inventário: 791- 6- A (274 Vid CMP / MNSR).

2 Segundo o autor, o enterramento em causa foi destruído pelos operários, que julgaram estar perante testemunho de feitiçaria (Faria, 1899: 302).

3 Numa dessas publicações, é certo, Neves dos Santos correlacionou a presença da pedra com suástica reutilizada no aparelho do edifício tardio, com a vocação, também funerária, para a qual terá sido concebido: “[...] achado de insculpturas de simbolismo mítico-religioso num local com características próprias de um ‘santuário’ do culto funerário com rito do fogo [...]” (Santos, 1963: 6).

4 http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4978

5 Foram efectuadas amostras dos sedimentos correspondentes a [11] para análises arqueobotânicas. Os resultados obtidos, quer especificamente para [11], quer para outros níveis removidos nas campanhas de 2016 e 2017 do Projecto GUIFARQ, serão publicados brevemente.

já efectuadas permitem documentar uma utilização doméstica para o Campo da Ponte, em geral, e para [09], em particular.

Importa referir que os vidros constituem parte residual dos materiais exumados em [11], os quais, na sua esmagadora maioria, concernem a cerâmicas. Com efeito, e para além da significativa quantidade de cerâmica comum, a par da de armazenamento e transporte, haverá que mencionar a recuperação de dois pesos de tear, a que se soma ainda a ocorrência de material de construção, com destaque para a *tegulae*, pelo menos num caso, decorada (Arezes; Varela, 2017b: 25-26).

De igual modo, é imperativo ter em consideração a existência de um conjunto de factores que condicionam as possibilidades de encarar, concretamente, os vidros tardios, mesmo que recolhidos em contexto arqueológico, como um reflexo directo dos circuitos de distribuição e leque de formas originalmente presentes num determinado tempo e espaço. A reciclagem configura um desses factores, e com peso não negligenciável, até porque entre os elementos mais consistentemente procurados para esse fim, estavam precisamente os bordo, bases e asas: as partes essenciais para avançar propostas de correspondência morfológica (Antonaras, 2011: 300).

4. OS MATERIAIS⁶

4.1. Taça ou prato com decoração figurativa

O primeiro fragmento em análise (Vid. 1, Fig. 3 e 4) pertence a uma taça ou prato com perfil em C, aproximado à forma 116 b de Isings⁷ (Isings, 1957: 144-145; Cruz, 2009a, vol. II: 129). Refere-se a parte da parede e do bordo da peça, com lábio em aresta⁸, não polido, na aproximação ao qual é possível percepcionar uma primeira banda estriada; a segunda, por seu turno, demarca o campo decorado. Executada a sopro livre, apresenta cor amarela acastanhada, e uma quase absoluta ausência de impurezas visíveis. Apesar do contexto de deposição, as superfícies mantêm uma textura relativamente suave, estando apenas levemente riscadas.

O fragmento permite a observação de decoração figurativa, gravada, feita a frio: a parte dianteira de um equídeo com as patas erguidas – no que confere a ideia de movimento – a par do cavaleiro montado sobre o seu dorso.

É provável que a composição, provavelmente da responsabilidade de um *diatretarius*, tenha sido efectuada com alguma pedra dura ou, eventualmente, com buril. As linhas exteriores e definidoras do contorno do equídeo e das próprias patas, assim como dos seus arreios e freio, são espessas e bem marcadas. O diâmetro ronda os 180 mm.

6 Remetemos indicação de particularidades dos fragmentos para os quadros em anexo.

7 De notar que a forma 116 de Isings (nos seus subtipos, a e b), foi identificada noutros sítios com ocupação tardia. Jorge de Alarcão e Adília Moutinho Alarcão observaram-na em Cacia, Aveiro (Alarcão; Alarcão, 1963a: 381-383; est. III, 1-13). Contudo, posteriormente, e a propósito de alguns fragmentos de taças de *Conimbriga*, os autores viriam a reequacionar a sua proposta: “[...] Em 1963 publicámos diversas taças deste tipo com linhas gravadas horizontalmente provenientes da estação de Cacia. Considerámo-las então como variantes do tipo Isings 116 e datámo-las do século IV e dos inícios do V d.C. Temos de reconhecer, todavia que a nossa classificação foi inexacta, e que as taças de Cacia, como estas de *Conimbriga*, não cabem em nenhum dos tipos de Isings. [...]” (Alarcão; Alarcão, 1965: 110-111). Mais adiante, na mesma publicação, acrescentariam: “[...] Isings não distinguiu as taças de perfil semelhante à ré de um barco [...] das de bordo envasado [...]; incluiu ambas no seu tipo 116 [...]” (Alarcão; Alarcão, 1965: 118).

8 Os recipientes com bordos em arestas vivas vigoram ao longo de todo o século IV. Neste âmbito inscrevem-se diferentes formas lisas, como as taças de copa arqueada, a par das que exibem decoração gravada com diversas composições temáticas, de inspiração mítica, bíblica ou venatória (Alarcão; Alarcão, 1965: 118; Harden, 1960; Nolen, 1994: 179), caso da que aqui apresentamos. Já os polidos e engrossados ao fogo, estão particularmente documentados na segunda metade da centúria. Surgem bem representados nas taças de paredes abertas e sem pé de *Conimbriga*, assim como nas de parede arqueada ou troncocónica da mesma estação (Alarcão; Alarcão, 1965: 110; 120; 125; Nolen, 1994: 179).

4.1.1. As especificidades da decoração e a origem da produção

Os acervos mais amplos e variados de vidros romanos de que há conhecimento no actual território português procedem de duas antigas e emblemáticas urbes – *Bracara Augusta* e *Conimbriga* (Alarcão, 2012: 35). Conforme documentado, vidros de alto custo continuavam a ser importados para estas cidades em período tardio, o que atesta que, em pleno século IV, havia famílias abastadas a viver no seu interior (Alarcão, 2017: 298). E, como sublinhado por Mário Cruz, o facto de um vidro exibir decoração, sobretudo se reveladora da habilidade do artífice e de apreciável resultado estético, elevava o seu valor intrínseco. Na verdade, enquanto o vidro corrente, normalmente liso, e destinado a utilização quotidiana, era razoavelmente acessível, o o sumptuário, de uso limitado, ficava, naturalmente, restringido aos mais privilegiados (Cruz, 2009b: 37), dotados de poder aquisitivo.

As afirmações prévias ditam, desde logo, o argumento que defendemos, e que se prende com a origem forânea do fragmento decorado de Guifões. Não porque não existam evidências relativas à existência de oficinas produtoras de vidros gravados no Noroeste peninsular: aliás, é hoje bem conhecida a dinâmica dos fornos da Quinta do Fajal, em Braga. Os elementos decorativos ali privilegiados, elaborados por gravação ou por abrasão, eram os vegetalistas estilizados ou, em alternativa, os paleocristãos, com destaque para os *crismon*, as cruces e os caracteres gregos alfa e ómega (Cruz, 2009a, vol. II: 123; Cruz, 2009b: 25-27; 45). Mário Cruz, que os estudou em profundidade, sublinha que os vidros do Fajal denotam uma especial homogeneidade, quer a nível técnico quer estilístico (Cruz, 2009a, vol. II: 124). Mas essa homogeneidade não é extensível ou reconhecível no fragmento de taça que nos propusemos estudar, sobretudo ao nível dos motivos utilizados. É certo que em Braga foi também recolhido um fragmento de prato fundo com uma cena gravada na copa: todavia, provavelmente báquica, e igualmente com origem exógena (Cruz, 2009a, vol. II: 129-130).

Ao procurar identificar recipientes congéneres noutros sítios do actual território português, fomos confrontados com a escassez de testemunhos. Na verdade, uma constatação esperada, uma vez que as peças com decoração gravada são relativamente raras e, quando presentes, deverão em larga medida ser produto de importação (Cruz, 2009a, vol. II: 130). Um dos exemplares mais notáveis já publicados foi detectado em Torre de Ares (Balsa). Trata-se de uma taça⁹ de tonalidade incolor esverdeada, arqueada, e com gravação executada à mão. Exibe uma cena de carácter cinegético, pontuada por vegetação estilizada, que se desenrola na horizontal e onde dois cães de caça com coleiras surgem em perseguição de duas lebres. No centro, destaca-se um “círculo” estilizado, obtido através de uma sequência de golpes oblíquos e simétricos, que rodeia uma linha em ziguezague. Esta, por seu turno, ladeia um cesto de duas asas, com frutas e folhas de palmeira no interior (Alarcão, 1970a: 28-29, fig. 1 a 4; Alarcão, 1970b: 241-243; est. II; est. IX, n.º 10; Nolen, 1994: 178; Est. 40, vi-87; Cruz, 2009b: 44). O perfil e decoração não enformam, contudo, e de modo rigoroso, um paralelo para a peça exumada em Guifões. A taça de Balsa apresenta uma calote esférica e bordo envasado, enquanto a de Guifões, com perfil em C, se aproxima de um arco abatido¹⁰. Em paralelo, e no que diz respeito à decoração: ainda que truncada, a peça

⁹ Nas referências a esta peça, Jeannette Nolen segue a tipologia proposta por Sophia van Lith e Klavs Randsborg (*Roman Glass in the West: a Social Study*, de 1985), pelo que a classifica como tigela. Ou seja, não adopta a terminologia de Isings, que agrega esta forma (116) nos “pratos covos” (Nolen, 1994: 178). De sublinhar ainda que a autora considera tratar-se de um vaso para comer (Nolen, 1994: 178). A nível descritivo e no que toca à procedência, J. Nolen secunda Jorge de Alarcão: ou seja, não relaciona a decoração da forma de Torre de Ares com a das peças de Colónia, dotadas de cenas de caça e atribuídas ao segundo terço do século IV (Nolen, 1994: 179).

¹⁰ Em 1971, e a propósito de uma taça conservada no Instituto de Antropologia Doutor Mendes Corrêa, actual Museu de História Natural da Universidade do Porto, Jorge de Alarcão descreveu este tipo de forma do seguinte modo: “[...] copa arqueada como a popa de um barco, poderia ter o fundo arredondado ou com um ligeiro achatamento para lhe dar maior estabilidade [...]” (Alarcão, 1971: 1; 32; est. III, n.º 32).

de Guifões permite identificar a presença da parte dianteira de um cavalo com as patas erguidas e, simultaneamente, de parte do corpo do cavaleiro que o montava.

Feita uma pesquisa panorâmica, consideramos que as peças com as quais o fragmento de Guifões terá maior afinidade pertencem ao comumente chamado grupo de “Wint Hill”, estudado em 1960 por Donald B. Harden (Harden, 1960). A descoberta de uma taça num edifício romano em Wint Hill (Banwell, Somerset)¹¹, sítio que lhe conferiu a designação epónima, marcou um momento importante no quadro dos achados de vidros romanos com cenas gravadas na Grã-Bretanha. Com efeito, e até então, o único exemplar completo que, de forma plausível, se poderia inserir neste âmbito, concernia a uma peça que patenteava uma dança báquica (Harden, 1960: 47-48). Desde então, muitos achados foram concretizados naquele mesmo território. A tal ponto que, já em 1995, Jennifer Price afirmava não ser incomum a identificação de recipientes providos da mais diversificada gama de decorações, das mais simples às mais complexas, em sítios romanos do século IV¹² (Price, 1995: 25).

A justificação para considerar a vigência do “grupo” mencionado prende-se com a coerência e analogias evidenciadas por uma série de exemplares, nomeadamente ao nível das especificidades técnicas da decoração, dos particularismos do desenho, ou dos temas e elementos escolhidos para representar. A propósito destes dois últimos domínios, apontem-se como exemplos a aparência estilizada das árvores patentes na paisagem, o tipo de indumentária envergada pelos cavaleiros (Harden, 1960: 65), ou o modo de representação dos cães de caça. Em paralelo, e independentemente da natureza das figuras (humanas, animais ou vegetais), os respectivos contornos surgem sombreados, escurecidos e, deste modo, reforçados¹³ (Harden, 1960: 67; Adams, 2015: 24).

Já relativamente à técnica utilizada, a uniformidade é clara: a gravação terá sido feita a mão livre, com recurso a alguma ferramenta grosseira ou pedra dura bem afiada, eventualmente, sílex. Donald B. Harden sublinha, ainda assim, o facto de a decoração dos recipientes que integram o grupo se destacar não apenas do ponto de vista técnico, mas igualmente pelo seu carácter intrinsecamente artístico e vívido. No que respeita à presença de inscrições, note-se que não perfazem uma constante absoluta. Mas quando ocorrem seguem um esquema recorrente, com uso reiterado de algumas palavras, sempre em maiúsculas, e remate das frases sob a forma de ramo ou folhagem ou, em alternativa, de tufo de erva¹⁴ (Harden, 1960: 65). Importa ainda sublinhar o facto de, quer as inscrições, quer a própria decoração, serem executadas no exterior dos recipientes, o que significa que foram pensadas e concebidas para serem observadas ou, simultaneamente, lidas e observadas (Harden, 1960: 67).

Na perspectiva de Noël Adams, as representações naturalistas de animais patentes em diversos recipientes vítreos com cenas cinegéticas¹⁵ podem ser subdivididas em dois conjuntos funda-

11 Acerca do contexto de exumação da taça, afirma Harden: “[...] Traces of two sets of foundations of buildings were revealed, one associated with an apparently undisturbed occupation-level of the fourth century A.D., but the interpretation of the site is complicated by the existence of later burials in mass, [...] the graves of which have places cut into and disturbed the Roman walling. [...]” (Harden, 1960: 48). No caso da área do Castro de Guifões que gerou o fragmento em análise, as perturbações são igualmente evidentes, mas decorrem de circunstâncias diferentes: a sequência de ocupações (habitacionais e de armazenamento?) atribuídas à Idade do Ferro, período romano e Antiguidade Tardia, a par da intensa utilização contemporânea do solo, nomeadamente para fins agrícolas.

12 [...] Glass tablewares with wheel-cut, engraved and abraded designs are not uncommon finds at Roman-British sites in the fourth century. Several forms of bowls, cups and beakers were decorated in this manner, and a wide variety of designs are known, ranging in complexity from simple wheel-cut or abraded horizontal lines and geometric designs to figured scenes and opening cutting [...]” (Price, 1995: 25).

13 Uma outra convenção a sinalizar: o facto de cada uma das figuras se encontrar apoiada numa ou mais linhas (representativas do solo), também elas escuras e destacadas, à semelhança do que se verifica com os contornos (Harden, 1960: 67).

14 Menos frequente, mas ainda assim registado, é o recurso a formas triangulares para o mesmo efeito (Harden, 1960: 65).

15 A taça de Wint Hill, actualmente conservada no Ashmolean Museum, em Oxford, a par das de Bona e Nuremberga, exibem, como referido, cenas de caça à lebre (Harden, 1960: 46, fig. 2; 53, fig. 11; 60, fig. 15): um tema com ampla tradição, e que surge igualmente reproduzido noutros suportes, designadamente, em mosaicos. O caso das duas representações do Grande Palácio de Constantinopla, que remontam à primeira metade do século V, tem sido, a este propósito, por diversas vezes evocado (Bret, 1942: 34-43; Harden, 1960: 73; 76).

mentais: o dos seres que servem e coadjuvam o homem (cavalos e cães de caça) e o das presas (lebres na taça de Wint Hill, javalis e veados noutros casos). Apesar da diferença de condição (os que perseguem e caçam vs os que são caçados), há algo que funciona como elo de ligação entre estas criaturas: o facto de cada uma delas ser apresentada de boca aberta, a respirar em esforço, com as orelhas longas e projectadas para trás, atestando o movimento de corrida (Adams, 2015: 24). Tal não se verifica, contudo, no vidro de Guifões: o cavalo, arreado, surge de boca fechada, apesar de em movimento, conforme sugerido pela posição das patas dianteiras. Por outro lado, a extensão limitada do fragmento condiciona as possibilidades de afirmar, categoricamente, que a taça a que pertencia incluiria uma imagem de caça e, a sê-lo, de que tipo. Contudo, é indiciada a presença de elementos vegetalistas (nomeadamente, na parte inferior dianteira do dorso do cavalo) e evidente o cavaleiro, montado. Não é absolutamente claro, porém, se o que é visível consta apenas da sua indumentária (provavelmente, uma túnica) ou, eventualmente, também de parte da gualdrapa sobre a qual se encontrava posicionada a sela. Inclina-mo-nos, contudo, para a primeira das possibilidades apontadas. Em paralelo, e ao contrário do que sucede na taça de Wint Hill, em que o efeito do pêlo é promovido a partir de curtos golpes angulados, separados por espaçamentos regulares (Adams, 2015: 24), no fragmento de Guifões o pêlo do cavalo é insinuado por abrasão, não pela presença de uma sequência de cortes.

Ora, a execução de cenas gravadas ou incisas em objectos de vidro remonta ao Alto Império, havendo alguns (escassos) exemplares atribuídos aos finais do século I. Mas, segundo Donald B. Harden, só na aproximação ao século II é que terá começado a formar-se algo similar a uma “escola” de produção em que tal tipo de trabalho foi cultivado (Harden, 1960: 45). No século III e em diante, a Península Itálica e a Renânia estariam já estariam a produzir consideráveis quantidades de vidros com decoração que viajavam até às províncias vizinhas (Harden, 1934: 143; Harden, 1960: 47). Mas a determinação específica dos lugares de fabrico dificilmente poderá ser imediata, até porque continua por fazer muito trabalho a respeito das formas, técnicas utilizadas ou gama de motivos desenhados (Harden, 1960: 47).

Não obstante, e segundo Donald B. Harden, as taças do “grupo” de Wint Hill serão oriundas da Renânia. Aliás, e atendendo à concentração de achados em torno de Colónia, o mais provável é que o centro produtor dos mencionados recipientes radicasse precisamente naquele local. Com efeito, e a partir do século II, a produção de Colónia haveria de crescer, e de modo constante, até lhe permitir converter-se, já no IV, no mais prolífico centro produtor do Império (Harden, 1960: 77, fig. 38; 79; Adams, 2015: 23). Na óptica de Harden, ali terão confluído os saberes e as práticas de diferentes artífices: uns sírios, outros ocidentais, ainda que certamente instruídos à luz das tradições herdadas de Alexandria (Harden, 1960: 79).

Do ponto de vista cronológico, D. B. Harden propôs um enquadramento pós-Constantiniano para uma série de exemplares (na esmagadora maioria, taças) com diferentes tipos de decoração, alusivas a cenas cristãs, mitológicas / pagãs¹⁶, ou de caça (Harden, 1960: 47), as que aqui nos interessou focar. Nos inícios dos anos 60, Harden contabilizou 24¹⁷ (Harden, 1960: 47). Quase seis décadas volvidas, muitos outros foram entretanto recuperados, reconhecidos e publicados.

Com efeito, têm vindo a ser exumadas diversas formas com decoração figurativa gravada noutros pontos do território europeu. Evoquemos, a este propósito, e a somar às reunidas por Donald

¹⁶ Conforme sublinhado do por D. B. Harden, no século IV e mesmo no V, temas cristãos e pagãos conviviam recorrentemente: não apenas no tempo, mas por vezes no mesmo suporte (Harden, 1960: 73).

¹⁷ Pelas características da técnica e da decoração evidenciadas pelo referido conjunto, Harden equaciona a possibilidade de terem sido produzidas num curto intervalo temporal, e de procederem de uma só oficina, muito embora não possam ser atribuídas à mão de um só artífice (Harden, 1960: 47; 72).

B. Harden, entre as quais avultam as actualmente conservadas no Landesmuseum (Bona) e Nationalmuseum (Nuremberga) (Harden, 1960, 53-60), uma série de outras peças, dadas a conhecer mais recentemente. A título de exemplo, deixamos aqui referência: à notável “taça de Daniel”, recolhida na região do Veneto (Larese, 2000: 117-121); ao frasco (ou garrafa) do Louvre, de procedência desconhecida (Arveiller-Dulong, 2000: 122-125); ao copo de Saint Parres aux Tertres (Aube), identificado no interior de um sarcófago¹⁸, com representação de ursos (Cabart, 2003: 53-55); ou aos fragmentos com cenas de caça detectados em Martigny (Martin, 1995: 94-95) e na *villa* de Arxiu, Barcelona (Beltrán de Heredia 2001: 156-157 *apud* Coll Riera, 2005: 133-134, fig. 4, 3 e 4). De qualquer modo, e não obstante a diversidade dos exemplos evocados (ao nível da oficina de fabrico¹⁹, local de identificação do achado, ou motivos seleccionados), há um denominador comum a todos eles: por um lado, a cronologia proposta (centrada no século IV, com especial ênfase na segunda metade da centúria); por outro, o facto de sugerirem a existência de uma aristocracia, rural ou urbana, com capacidade aquisitiva e gostos requintados, que legitima a circulação, por vezes distendida, destas formas.

4.2. Outras produções

Para além do vidro com cena gravada (Vid. 1), que nos ocupou previamente, a unidade [11] proporcionou igualmente a exumação de um conjunto de outros fragmentos: 70, no total, identificados em função de 29 designações (Vid. 2 a 29), relativas a ocorrências individuais ou a pequenos grupos (nos casos em que foi possível aferir, com plena certeza, que dois ou mais elementos integravam, originalmente, a mesma peça). Muito fraccionados, concernem a diferentes partes de recipientes (bordos, paredes, bases e uma única asa) e procedem, de igual modo, de diferentes formas, ainda que confinadas a um repertório limitado, onde ressalta a prevalência de taças, nas suas diversas variantes²⁰.

São vários os pontos a conferir coerência e a permitir agregar todos os fragmentos analisados: desde logo, o facto de terem sido, sem excepção, soprados livremente²¹, e o de exibirem cores tendencialmente mais escuras, características das produções tardias, com grande incidência nos verdes (verdes amarelados, verdes acastanhados, a par também de amarelos acastanhados). A ressaltar, porém, a presença de duas ocorrências que matizam ligeiramente este panorama carregado, resultante sobretudo da reciclagem continuada dos vidros: dois fragmentos (com colagem) do bordo de uma taça campanulada funda, incolor esverdeada (Vid. 9), a par de um outro, de parede de forma congénere, de tonalidade verde clara (Vid. 28).

18 Registe-se que muitas das peças decoradas conhecidas procedem de contextos funerários. É este o caso de uma taça recolhida na sepultura 61 de Jacobstrasse (actualmente conservada no Museu Romano-Germânico de Colónia) que exhibe uma cena de caça ao javali (Harden, 1960: 54; 60, fig. 16). Um outro exemplo, entre os diversos passíveis de ser apontados, remete igualmente para uma taça provida de cena de caça ao javali, com vários pormenores idênticos aos do recipiente previamente evocado: inclusivamente, a presença de uma inscrição na orla, próxima do bordo. O que nos leva a mencioná-la prende-se com o facto de ter sido encontrada mutilada e incompleta, sob a forma de 60 fragmentos, depositados sobre o peito de um indivíduo inumado no interior de um caixão de arenito: um caixão que possuía, em cada um dos seus quatro cantos, um frasco, todos entretanto perdidos. Uma interessante composição para um entre os muitos enteramentos da necrópole romana de Fort Hauptstein, perto de Mainz (Harden, 1960: 54; 60, fig. 17).

19 Note-se como, para o últimos dos exemplos evocados, foi apontada a oficina do Mestre Daniel, a laborar em Roma, como local específico de fabrico (Paolucci 2002 *apud* Coll Riera, 2005: 133-134).

20 Registe-se que, noutros pontos do território, outros contextos geradores de recolhas de vidros tardios, evidenciaram equivalente limitação do leque de formas reconhecidas. Como exemplo, apontamos os resultados obtidos com as escavações da Rua dos Correeiros, em Lisboa (Medici, 2011: 323).

21 A técnica do sopro (livre ou recorrendo ao molde) proporcionou a produção de maior variedade de formas e quantidade de objectos num lapso de tempo mais reduzido e a menor custo (Alarcão, 2012: 350). A descoberta desta técnica, que remontará ao século I a.C. (Harden, 1934: 140; Stern, 1995: 37) motivou a eclosão de uma etapa decisiva em termos de produção e comércio (Carazzetti & Simona, 1988: 25).

Também em articulação com o fenómeno da reciclagem, e conseqüente reutilização do vidro, há uma outra característica a sinalizar neste pequeno acervo: o facto de a maioria dos fragmentos evidenciar considerável quantidade de bolhas e impurezas - nalguns casos, de modo especialmente vincado (Vid. 19).

Evocadas especificidades gerais, esboçamos agora um percurso que distingue particularidades de alguns dos elementos que integram o conjunto. Neste âmbito, começamos por conceder destaque a dois fragmentos que proporcionam colagem longitudinal (Vid. 2, fig. 5 e fig. 6), sobretudo pelo facto de apresentarem um perfil em larga medida preservado, que permitiu apontar, sem reservas, a forma a que pertenciam: uma taça troncocónica²² de paredes levemente arqueadas, com bordo em aresta viva, tendencialmente rectilíneo. A decoração restringe-se à presença de bandas paralelas de riscos incisos horizontais, de tonalidade idêntica, ainda que algo mais clara, que a da parede. As bandas em causa estão patentes junto do bordo, colo e, numa sequência de três, na parede (distanto entre si, respectivamente, 2 ou 1 mm). Sem base conservada, a peça não ultrapassa actualmente os 79 mm de altura.

O vidro, de cor verde, carregada, revela impurezas e bolhas dispersas, algumas, de dimensão significativa (chegando, inclusive, a ascender a 4 mm). Quer as particularidades do material utilizado, quer o tipo de forma troncocónica em questão, claramente identificado, permitem apontar um enquadramento cronológico centrado no século IV. A ocorrência destas taças é bastante frequente, especialmente nas zonas rurais com ocupação tardo-romana (Cruz, 2009a, vol. I: 139-140; Cruz, 2009a, vol. II: 101-102).

Não parece haver dúvidas de que o recipiente a que pertenciam os dois fragmentos terá origem no Noroeste peninsular. Encontrando-se comprovado que formas congêneres foram produzidas em *Bracara Augusta* (Cruz, 2009a, vol. II: 102), deixamos em aberto a possibilidade de este em particular, a par também de outros que nos chegaram de modo parcelar²³, e que foram igualmente recuperados no contexto em análise, poderem ter sido executados nalguma das oficinas da cidade (Cruz, 2009b: 24-25). Todavia, o estado actual da questão é ainda omissivo no que respeita à cartografia dos locais de produção de vidro romano no Noroeste, pelo que sublinhamos tratar-se apenas de uma hipótese. De qualquer modo, há que sublinhar que a dificuldade em aferir a proveniência precisa da taça troncocónica supramencionada, coloca-se novamente quando ensaiamos exercício similar para os restantes fragmentos exumados, daí indicarmos, na generalidade, o Noroeste como espaço amplo de produção.

Mas retornemos ao conjunto em estudo. Um apontamento incontornável a seu respeito, prende-se com o facto de nem todos os elementos exumados serem passíveis de classificação categórica. A dimensão reduzida, aliada, entre outros factores, ao carácter indiferenciado de algumas paredes, contribui para as dificuldades sentidas no aventar de propostas. Não obstante, é possível afirmar que o predomínio recai sobre as taças. Tal não se traduz, todavia, num panorama rigorosamente homogêneo ao nível das morfologias apresentadas, o que fica a dever-se, fundamentalmente, à existência de diversas variantes: desde logo, no próprio âmbito das taças arqueadas, de que nos chegaram 15 fragmentos, pertencentes a seis recipientes diferentes. Um deles, de bordo em aresta

22 Já aqui foi explicitado que todos os fragmentos tratados neste texto procedem de uma mesma unidade estratigráfica, um depósito a que foi atribuído o código [11]. Não poderíamos deixar de mencionar o facto de, no já evocado sítio de Wint Hill, a taça provida de cena gravada ter sido detectada precisamente junto de um copo (Harden, 1960: 49): porém, tipologicamente diferente de qualquer uma das formas parcelares que aqui apresentamos.

23 Além dos dois fragmentos referidos, há de facto outros, idênticos, a sinalizar no conjunto de Guifões: um, de bordo e arranque de parede, com banda de estrias horizontais (Vid. 11); dois de parede, com o mesmo tipo de decoração (Vid. 14); dois, de base (Vid. 19) e, por último, 14, dos quais um de bordo, e os restantes, de parede (Vid. 24).

(Vid. 7, Fig. 7 e 8), integraria originalmente uma taça arqueada ampla, com diâmetro a rondar os 130 mm; dois outros (Vid. 12, Fig. 19), de parede, exibiam fios aplicados em relevo.

Mário Cruz salientou tratar-se o grupo das taças arqueadas do mais simples, no universo dos vidros soprados livremente. Com efeito, as taças arqueadas constam de balões cortados a frio, sem pé e com bordo em aresta, de tamanho e profundidade variável. E se é certo que tal característica decorre, por um lado, da não utilização de molde, que condicionaria e fixaria as dimensões apresentadas, é provável que a variabilidade interna das formas resulte, de igual modo, de um propósito, ou seja, de uma adequação do tipo à vocação para a qual foi concebido (Alarcão, 1965: 118; Cruz, 2009a, vol. II: 100). Aliás, os bordos em aresta viva e o facto de as bases serem tendencialmente convexas e, conseqüentemente, pouco estáveis quando colocadas sobre superfícies planas, levou já alguns investigadores a admitirem a possibilidade de terem funcionado como lâmpadas de candelabros, e não como peças de mesa e cozinha (Cruz, 2009a, vol. II: 99-100).

Outras morfologias de taças foram igualmente reconhecidas no Campo da Ponte de Guifões, caso das campanuladas, com destaque para as fundas. Perfazem 9 fragmentos: um de parede, e oito de bordos, todos engrossados ao fogo (caso de Vid. 6 – Fig. 9 e 10 – e de Vid. 8 – Fig. 11 e 12). Dois desses bordos, acima mencionados a propósito da sua tonalidade incolor esverdeada (Vid. 9, Fig. 13 e 14), apresentam caneluras dilatadas na horizontal: uma modalidade de decoração feita a quente, e executada numa fase inicial do processo de fabrico, no momento em que o vidro é soprado para o interior de um molde canelado. Note-se, porém, que o facto de a configuração do molde não transparecer na forma final, torna mais adequada a referência ao sopro livre do que ao sopro em molde (Cruz, 2009a, vol. II: 159-160). Produzidas em muitas das oficinas do Noroeste peninsular, estão amplamente presentes em sítios com ocupação tardo-romana, com ocorrência documentada quer em contexto funerário, quer em áreas de habitat (Cruz, 2009a, vol. II: 165-167). Naturalmente, porém, a dispersão destas formas foi atestada em muitos outros pontos do território português, nomeadamente na Herdade da Comenda da Igreja e em *Conimbriga*, onde surgiram, por exemplo, quer nos níveis associados à reformulação da *insula* do vaso fálco, quer à destruição do fórum (Alarcão, 1973; Alarcão *et alii*, 1976: 195-196). A cronologia geral é balizada entre a segunda metade do século IV e o V (Alarcão *et alii*, 1976: 195-196; Cruz, 2009a, vol. II: 165-167).

No que concerne aos fragmentos classificados como copos (15, no total), foram correlacionados, em larga medida, com uma forma em particular: a dos recipientes cilíndricos (9 indivíduos, subdivididos pelos grupos Vid. 17, 21, 22 e 27). Em contrapartida, quatro elementos remetem para outros tipos: um deles, uma base de cor verde amarelada, para um copo de paredes finas e pé anelar tubular (Vid. 5, Fig. 15 e 16); já os restantes três, verdes amarelados (Vid. 16), ainda que com algumas reservas, para um copo com pé alto, correspondente à forma 111 de Isings, a que começou por se atribuir uma disseminação exclusivamente mediterrânica (Isings, 1957: 139-140). É certo, porém, que Donald B. Harden sugeriu a existência de oficinas produtoras também em Alexandria e Colónia (Sánchez de Prado, 1984: 93-96), possibilidade que obrigaria a reequacionar os circuitos de distribuição. Além do mais, registre-se que foram já recolhidos fragmentos da mesma forma em *Lucentum* (Alicante), Santarém e, mais recentemente, na Marinha Baixa, em Aveiro (Sánchez de Prado, 1984: 96; Antunes, 2000: 177-178; Quaresma *et alii*, 2015: 66), dados que coadjuvam a proposta de uma circulação mais dilatada para estes recipientes.

Relativamente aos copos de paredes finas e pé anelar tubular, altos, tendencialmente cilíndricos e com base levemente reentrante, terão provavelmente sido produzidos no Noroeste peninsular, ao longo do século IV (Cruz, 2009a, vol. II: 85). Por seu turno, os copos cilíndricos, eventual evolução

ou variante das taças troncocónicas, com os seus bordos em aresta viva e bases ápodes planas ou algo reentrantes, são enquadrados nos séculos IV-V. Igualmente oriundos do Noroeste, são relativamente raros e possuem escassos paralelos precisos (Cruz, 2009a, vol. II: 105-106). Entre os exemplares conhecidos avultam os dois copos exumados na necrópole de Beiral do Lima (Arezes, 2017, vol. I: 210-211; Arezes, 2017, vol. II: 15-16), publicados nos anos 60 do século XX por Abel Viana (Viana, 1961: 6; est. III, n.º 1; est. III, n.º 6) e Fernando Lanhas (Lanhas, 1969: 252), e actualmente conservados no Museu D. Diogo de Sousa (Fig. 20).

Em paralelo aos elementos já evocados, foram ainda notadas algumas ocorrências residuais. Uma delas remete para quatro fragmentos potencialmente compatíveis com uma garrafa de corpo piriforme (Vid. 18), classificação que decorre do formato apresentado pelo depósito. Provavelmente produzidos em Braga e Vigo, estes recipientes terão sido utilizados entre os séculos IV e VI (Cruz, 2009a, vol. II: 239-240).

Por último, e ainda no quadro dos tipos parcamente representados, haverá que mencionar a identificação de uma base de jarro, com pé anelar tubular (Vid. 3; fig. 17 e 18), eventualmente relacionável com a forma 123 de Isings (Isings, 1957: 153-154), e de uma base de boião de corpo ovóide, de cor verde amarelada escura (Vid. 10). Segundo Mário Cruz, este tipo de boião, destinado a guardar alimentos, e com distribuição frequente na fachada atlântica do Noroeste, surge intrinsecamente ligado às taças campanuladas: um dado que vinha sendo sugerido por correlações estratigráficas, e que as análises químicas acabaram por corroborar. A tal ponto que, neste momento, se considera seguro afirmar que as duas formas terão sido produzidas nas mesmas oficinas (Cruz, 2009a, vol. II: 199-200).

Face às informações reunidas, assume-se que o enquadramento cronológico dos elementos analisados remete para o intervalo compreendido entre o século IV e o VI. As particularidades técnicas, formais, decorativas, e mesmo a coloração dos fragmentos²⁴, não oferecem dúvidas quanto ao carácter tardio do conjunto. Além dos mais, e pese embora o seu carácter parcelar, surgem alinhados com aspectos gerais descritos a propósito de outros sítios com ocupação tardo-romana (Alarcão *et alii*, 1976: 193-196).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escavações de 2016 no Campo da Ponte, um terreno tendencialmente plano, localizado no sopé do Castro de Guifões, representaram um primeiro avanço para o Projecto GUIFARQ. Um Projecto com diversos objectivos, um dos quais se prendia com a aferição dos tempos e estratégias de ocupação de uma área exterior à mais avançada das linhas pétreas que delimitavam o Castro.

Atendendo a uma série de dados obtidos de forma não sistemática, sobretudo a partir dos anos 60 do século XX, e que foram sendo compilados, era expectável a identificação de vestígios arqueológicos correlacionáveis com as dinâmicas tardo-antigas daquele espaço. E os primeiros resultados obtidos, malgrado as intrusões recentes detectadas, permitiram-nos avançar precisamente de encontro às problemáticas suscitadas por essas mesmas dinâmicas.

Entre os diversos depósitos e materiais arqueológicos que então se ofereceram para estudo, foram ganhando força os vidros exumados numa unidade estratigráfica particular. Vidros que, apesar

24 A este respeito, não poderíamos deixar de citar aqui um eloquente excerto retirado da obra *Vidros Romanos de Conimbriga*: “[...] Aos vidros incolores abundantes nos séculos II e III sucedem-se os vidros de cor verde-sombrio, verde-musgo, verde-relva ou cor de azeite, cheios de bolhas e estrias; aos bordos cuidadosamente rematados daqueles dois séculos substituem-se os bordos envasados e de arestas muitas vezes nem sequer polidas. Os copos troncocónicos, as taças de tipo Isings 116, as taças de bordo engrossado ao fogo ou as garrafas de tipo Isings 126 e 127 [...] são formas inéditas nos séculos II e III e que agora se criam” (Alarcão; Alarcão, 1965: 15).

do estado parcelar em que se encontravam podiam, ainda assim, criar possibilidades de identificação, classificação e, conseqüentemente, reflexão. Até pela coerência que os unia. Uma coerência assente, desde logo, no enquadramento temporal dos fragmentos, na gama cromática globalmente evidenciada, na recorrência do leque de formas e, em larga medida, na origem da produção. O Noroeste peninsular corresponde, pois, ao território que gerou a quase totalidade dos elementos analisados.

Com efeito, e muito embora o actual estado da investigação se assumia como uma condicionante não negligenciável, nomeadamente no que concerne à cartografia das oficinas existentes, e não nos permita afirmar de modo categórico qual ou quais poderão ter originado, especificamente, as parcelas de recipientes exumados, sabemos, em contrapartida, que alguma das formas reconhecidas estavam seguramente a ser produzidas em Braga no século IV.

E se é certo que o Noroeste constitui, pois, a fonte produtora por excelência dos fragmentos vítreos recolhidos, circunstância em si mesmo reveladora, importa sublinhar a relevância da ocorrência que matiza este cenário pautado pela regularidade, até das formas. A presença do fragmento de taça com decoração gravada, constitui um testemunho incontornável do gosto e hábitos apurados de quem continuou a viver no Castro de Guifões, para lá do “tempo de existência” do sítio indígena, cuja formação remonta à proto-história. O elemento em causa, a par de muitos outros, concebidos em diferentes suportes, e que ao longo dos anos têm vindo a ser recuperados extramuros, na mesma área baixa do assentamento, atesta a manutenção de redes comerciais que permitiam colocar em circulação não apenas produtos locais ou regionais, mas igualmente bens importados, necessariamente, mais onerosos, mas simultaneamente, prestigiantes e diferenciadores. Circuitos passíveis de continuar a estabelecer nexos entre diversos pontos do território europeu, continentais ou mediterrânicos, assim como de promover ligações que obrigam a extravasar essa esfera, e a olhar, nomeadamente, para o norte de África.

AGRADECIMENTOS

Ao César Guedes, pela disponibilidade para a realização de novas fotografias dos vidros, e pelo arranjo gráfico dos registos que compõem as estampas deste texto. O meu muito obrigado por toda a ajuda e empenho.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Noël (2015), Between myth and reality: hunter and prey in Early Anglo-Saxon Art, in BINTLEY, Michael D. J. & WILLIAMS, Thomas J. T. (Coord. de), *Representing beats in Early Medieval England and Scandinavia*, Anglo-Saxon Studies, vol. 29, Woodbridge, The Boydell Press, pp. 13-52.
- ALARCÃO, Jorge de (1970a), Abraded and engraved Late Roman Glass from Portugal, *Journal of Glass Studies*, vol. XII, New York, The Corning Museum of Glass, pp. 28-34.
- ALARCÃO, Jorge de (1970b), Vidros romanos de Balsa, Separata de *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. IV, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 237-261.
- ALARCÃO, Jorge de (1971), Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos, Separata de *Conimbriga*, vol. X, pp. 1-43.
- ALARCÃO, Jorge de (1973), Vidros romanos da Herdade da Comenda da Igreja, Separata de *Biblos*, vol. XLI, Coimbra, pp. 1-5.
- ALARCÃO, Jorge de (2012), Vidro, in ALARCÃO, J. de; BARROCA, M. (Coord. de), *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto, Figueirinhas, pp. 350.

- ALARCÃO, Jorge de (2017), *A Lusitânia e a Galécia: do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília Moutinho de (1963a), Quatro pequenas colecções de vidros romanos, *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, Guimarães, Casa de Sarmento, pp. 367-390.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília Moutinho de (1964), Vidros Romanos do Museu Soares dos Reis, Separata de *MVSEV*, Segunda Série, 8, Porto, Museu Nacional Soares dos Reis, pp. 1-11.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília Moutinho de (1965), *Vidros romanos de Conimbriga*, Coimbra, Ministério da Educação Nacional e Museu Monográfico de Conimbriga.
- ALARCÃO, Jorge de; DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise; ALARCÃO, Adília Moutinho; PONTE, Salette (1976), Céramiques diverses et verres, *Fouilles de Conimbriga*, VI, Paris, Diffusion E. de Boccard.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; SANTOS, Joaquim Neves dos (1975), Cerâmica Romana, Tardia, de Guifões, *Archaeologica Opuscula*, vol. I, Porto, Livraria Fernando Machado, pp. 49-56.
- ANTONARAS, Anastassios C. (2011), Glassware in Late Antique Thessalonikē (Third to Seventh Centuries C. E.), in NASRALLAH, L.; BAKIRTZIS, C.; FRIESEN, S. J. (Coord. de), *From Roman to Early Christian Thessalonikē – Studies in Religion and Archaeology*, Harvard, Harvard University Press, pp. 299-331.
- AREZES, Andreia (2017), *O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII*, Porto, CITCEM e Edições Afrontamento (Col. «Teses Universitárias», 9).
- AREZES, Andreia; VARELA, José (2017a), Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados preliminares de um Projecto de Investigação, in ARNAUD, J. Morais; MARTINS, Andrea (Coord. de), *Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal. 2017 – O Estado da questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 125-136.
- AREZES, Andreia; VARELA, José (2017b), *Relatório de Progresso Anual. GUIFARQ – Projeto de Investigação Arqueológica de Guifões*. Campanha de 2016. Porto, texto policopiado.
- AREZES, Andreia; VARELA, José (2018), *Relatório Final. GUIFARQ – Projeto de Investigação Arqueológica de Guifões*, Porto, texto policopiado.
- ARVEILLER-DULONG, Véronique (2000), Flacon de verre grave au Musée du Louvre, *Annales du 14^e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, Lochen, Association Internationale pour l'Histoire du Verre, International Association for the History of Glass, pp. 122-125.
- BARROCA, Mário Jorge (2017), *Prope Litore Maris: o sistema defensivo da orla litoral da diocese do Porto (Séc. IX a XII)*, in AMARAL, Luís Carlos (Coord.), *Um poder entre poderes: nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalense*, Porto, Centro de Estudos de História Religiosa e Universidade Católica Portuguesa, pp. 197-243.
- BLOT, Maria Luísa B. H. Pinheiro (2003), Os portos na origem dos centros urbanos. Os contributos para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal, *Trabalhos de Arqueologia*, 28, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- BRETT, Gerard (1942), The mosaic of the Great Palace in Constantinople, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 5, London, University of London, pp. 34-43.
- CABART, Hubert (2003), La coupe gallo-romaine de Saint Parres aux Tertres dans l'Aube, France, *Annales du 15^e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, Nottingham, Association Internationale pour l'Histoire du Verre, International Association for the History of Glass, pp. 53-55.

- CARAZZETTI, Riccardo; SIMONA, Simonetta (1988), *Vetri Romani del Cantone Ticino*, Locarno, Museo Civico e Archeologico.
- CLETO, Joel; VARELA, José Manuel (1999), O Castro de Guifões (Matosinhos): dos estudos de Martins Sarmiento às investigações da actualidade, *Revista de Guimarães*, volume especial, 2, Guimarães, Casa de Sarmiento, pp. 467-479
- COOL RIERA, Joan-Manuel (2005), A fourth-century assemblage of glass from the roman villa of Can Palau, Barcelona, Spain, *Annales du 16^e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, Nottingham, Association Internationale pour l'Histoire du Verre, International Association for the History of Glass, pp. 131-134.
- CRUZ, Mário Rui Mendes Dias da (2009a), *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*, Dissertação de Doutoramento, Braga, Universidade do Minho.
- CRUZ, Mário Rui Mendes Dias da (2009b), *Vita Vitri. O vidro antigo em Portugal. Catálogo da exposição*, Lisboa, Instituto dos Museus e de Conservação.
- FARIA, F. Fernando Godinho de (1899), *Monographia do Concelho de Bouças*, s/ed., Matosinhos.
- FELGUEIRAS, Guilherme (1958), Monografia de Matosinhos, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos.
- FERNANDÉZ FERNANDÉZ, Adolfo (2018), El comercio em el noroeste peninsular en época tardoantigua (siglos IV al VII), in LÓPEZ QUIROGA, Jorge (Coord. de), *In Tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios*, Ourense, Deputación Provincial de Ourense, pp. 317-326.
- HARDEN, Donald B. (1934), The glass of Greeks and Romans, Greece & Rome, vol. 3, n.º 9, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 140-149.
- HARDEN, Donald B. (1960), The Wint Hill Hunting Bowl and related glasses, *Journal of Glass Studies*, vol. II, New York, The Corning Museum of Glass, pp. 44-81.
- ISINGS, Clasina (1957), *Roman Glass from Dated Finds*, Groningen/Djakarta, Archaeologica Traiectina.
- LANHAS, Fernando (1969), O valioso espólio de Beiral integrado nas colecções do Museu de Etnografia e História, *Revista de Etnografia*, vol. XII, tomo 1, Porto, Museu de Etnografia e História, pp. 249-260.
- LARESE, Annmaria (2000), Il cosiddetto maestro della coppa di Daniele, *Annales du 14^e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, Lochen, Association Internationale pour l'Histoire du Verre, International Association for the History of Glass, pp. 117-121.
- MARTIN, Chantal (1995), Le verre de l'Antiquité Tardive en Valais: notes préliminaires, *Le verre de l'Antiquité Tardive et du Haut Moyen Âge. Typologie – Chronologie – Diffusion*, Association Française pour l'Archéologie du Verre / Musée Archéologique Départemental du Val d'Oise, pp. 93-107.
- MEDICI, Teresa (2013), O espólio vítreo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 14, Lisboa, Direcção Geral do Património Cultural, pp. 313-353.
- MORAIS, Rui (2013), *Durius e Leça: Dois percursos de um mesmo itinerário*, *Portugália*, Nova Série, vol. 34, Porto, DCTP-FLUP, pp. 101-136.

- MOREIRA, Álvaro Brito (2009), *Castellum Madaiae. Formação e desenvolvimento de um “aglomerado urbano secundário” no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*, Dissertação de Doutoramento, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (1994), *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, Balsa: incluindo o espólio ósseo e medieval*, Lisboa, Instituto Português dos Museus, Museu Nacional de Arqueologia.
- PIRES, Conceição; PEREIRA, Pedro (2014), Os recipientes de tipo dolium no Castro de Guifões (Guifões, Matosinhos): novos dados para o estudo da romanização de um Castro marítimo, *Al-Madan Online*, II Série, n.º 18, Tomo 2, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 125-130.
- PRICE, Jennifer (1995), Glass tableware with wheel-cut, engraved and abraded decoration in Britain in the fourth century AD, *Le verre de l’Antiquité Tardive et du Haut Moyen Âge. Typologie – Chronologie - Diffusion*, Association Française pour l’Archéologie du Verre / Musée Archéologique Départemental du Val d’Oise, pp. 25-33.
- QUARESMA, José Carlos; SARRAZOLA, Alexandre; SILVA, Inês M. (2015), Produção de vidros e importação de Terra Sigillata em finais do século V / primeira metade do VI: o caso da Marinha Baixa, Aveiro, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, vol. 10, Lisboa, ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA, pp. 63-75.
- SANCHÉZ DE PRADO, M. Dolores (1984), El vidrio romano en la provincia de Alicante, *Lucentum*, Alicante, Anales de la Universidad de Alicante, pp. 79-100.
- SANTOS, Joaquim Neves dos (1963), Serpentes geminadas em suástica e figurações serpentiformes do Castro de Guifões, *Separata de Lucerna*, vol. 3, Porto, pp. 5-25.
- SANTOS, Joaquim Neves dos (1995-1996), Sobre uma sítula do Castro de Guifões, *Matesinus*, vol. 1/2, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, pp. 20-22.
- STERN, E. Marianne (1995), *Roman Mold-blown Glass. The first through sixth centuries*, Rome, “L’Erma” di Bretschneider & The Toledo Museum of Art.
- VALENTE, VASCO (1950), *O vidro em Portugal*, Porto, Portucalense Editora.
- VARELA, José (2010), Monte Castelo (Guifões, Matosinhos), *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça, Matosinhos*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, pp. 108-110 e 142-145.
- VARELA, José (2012), Ânfora Haltern 70 recolhida no “Mar de Matosinhos”, *Al-Madan Online*, II Série, n.º 17, Tomo 2, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 110-111.
- VARELA, José (2013), O Sítio do Monte Castelo (Guifões, Matosinhos), o Rio Leça e as Navegações na Antiguidade. *Al-Madan*, Série II, n.º 18, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 75-81.
- VARELA, José; MORAIS, Rui (2014), Almofarizes tardios com revestimento vidrado interior do sítio do Monte Castelo (Guifões – Matosinhos), in MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ, A.; SOUSA, M. José (Coord. de), *As Produções cerâmicas de imitação na Hispania*, Porto e Madrid, FLUP e SECAH, pp. 407-415.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1898), O “Castelo” de Guifões, *O Archeólogo Português*, Série I, vol. 4, Lisboa, Museu Etnológico Português, pp. 270-272.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1901), Extractos da correspondência enviada por F. Martins Sarmiento a Leite de Vasconcelos, *O Archeólogo Português*, Série I, vol. 6, Lisboa, Museu Etnológico Português, pp. 30-48.
- VIANA, Abel (1961), *Necrópole romano-suévica (?) de Beiral: Ponte de Lima – Viana do Castelo*, Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Designação	Forma	Parte da peça	Decoração	Cor	Dados metrológicos	Origem da produção	Cronologia	Observações	Número de fragmentos
Vid. 1	Taça ou prato p. em C (Isings 116b)	Bordo e parede	Figurativa gravada	Amarela acastanhada	180 mm (Ø est.); 3,05 mm (esp.); 66,57 mm (alt.).	Renânia	Século IV	Decoração executada a frio	1
Vid. 2	Taça tronco-cónica	Bordo e parede	Bandas de estrias horizontais	Verde	110 mm (Ø est.); 2,91 mm (esp.); 79,20 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV	Bordo em aresta	2 (com colagem)
Vid. 3	Jarro (Isings 123)	Base e arranque de parede	-	Verde azeitona	60 mm (Ø); 7,39 mm (esp.); 15,76 mm (alt.).	NO peninsular?	Século IV	Pé anelar tubular	1
Vid. 4	Lâmpada?	Asa	-	Amarela esverdeada	12,01 mm (Ø est.); 9,67 mm (esp.); 43,03 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV	Asa de fita, repuxada	1
Vid. 5	Copo de p. finas e pé anelar tubular	Base	-	Verde amarelada	50 mm (Ø est.); 5,77 mm (esp.); 11,40 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV	Pé anelar tubular	1
Vid. 6	Taça campanulada funda	Bordo e parede	Leve canelura	Verde	100 mm (Ø est.); 3,48 mm (esp.); 41,01 mm (alt.).	NO peninsular - Braga	2.ª metade século IV - séc. V	Bordo engrossado ao fogo	3
Vid. 7	Taça arqueada ampla	Bordo e arranque de parede	Bandas de estrias horizontais	Verde amarelada	130 mm (Ø est.); 1,90 mm (esp.); 38,65 mm (alt.).	NO peninsular - Braga?	2.ª metade século IV - séc. V	Bordo em aresta viva	1
Vid. 8	Taça campanulada funda	Bordo	Canelura dilatada	Verde amarelado	110 mm (Ø est.); 3,24 mm (esp.); 20,63 mm (alt.).	NO peninsular	2.ª metade século IV - inícios V	Bordo engrossado ao fogo	1
Vid. 9	Taça campanulada funda	Bordo	Caneluras dilatadas	Incolor esverdeada	100 mm (Ø est.); 4 mm (esp.); 28,30 mm (alt.).	NO peninsular	2.ª metade século IV - séc. V	Bordo engrossado ao fogo	2
Vid. 10	Boião de corpo ovóide	Base	-	Verde amarelada	60 mm (Ø est.); 5,85 mm (esp.); 8,84 mm (alt.).	NO peninsular	Séculos IV-V	Base reentrante	1
Vid. 11	Taça tronco-cónica	Bordo e arranque de parede	Banda de estrias horizontais	Verde	110 mm (Ø est.); 2,33 mm (esp.); 29,84 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV	Bordo em aresta viva	1
Vid. 12	Taça arqueada	Parede	Fios aplicados (cor da parede)	Verde amarelado	80 mm (Ø est.); 1,67 mm (esp.); 30,78 mm (alt.).	NO peninsular - Braga	2.ª metade séc. IV - inícios V	Fios horizontais sequenciais	2
Vid. 13	Taça campanulada funda	Bordo	-	Verde acastanhado (alterado)	100 mm (Ø est.); 2,34 mm (esp.); 12,71 mm (alt.).	NO peninsular	2.ª metade século IV - séc. V	Bordo engrossado ao fogo	1
Vid. 14	Taça tronco-cónica	Paredes	Bandas de estrias horizontais	Verde	110 mm (Ø est.); 1,52 mm (esp.); 30,62 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV	Bandas sequenciais	2
Vid. 15	Taça arqueada hemisférica	Paredes	Banda de estrias horizontais	Verde	110 mm (Ø est.); 2,18 mm (esp.); 52,00 mm (alt.).	NO peninsular	2.º quartel séc. IV - inícios V	-	3 (2 com colagem)

Designação	Forma	Parte da peça	Decoração	Cor	Dados metroológicos	Origem da produção	Cronologia	Observações	Número de fragmentos
Vid. 16	Copo com pé alto? (Isings 111)	Paredes e arranque de base	–	Verde amarelado	200 mm (Ø est.); 1,41 mm (esp.); 27 mm (alt.).	Importado?	Século IV ou posterior	Fragmentos com curvatura	3
Vid. 17	Copo cilíndrico	Base	–	Verde (alterado)	100 mm (Ø est.); 2,09 mm (esp.); 4,55 mm (alt.).	NO peninsular	Finais do século IV-séc. V	Base ligeiramente reentrante	3
Vid. 18	Garrafa piriforme?	Paredes	–	Verde amarelado	50 mm (Ø est.); 1,45 mm (esp.); 44,87 mm (alt.).	NO peninsular	Séculos IV-VI?	–	4
Vid. 19	Taça tronco-cónica	Arranque de base e parede	–	Verde	110 mm (Ø est.); 2,78 mm (esp.); 36,03 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV	Muitas bolhas e impurezas	2 (com colagem)
Vid. 20	Taça arqueada funda	Parede	–		110 mm (Ø est.); 2,23 mm (esp.); 22,86 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV	Bolhas e impurezas	1
Vid. 21	Copo cilíndrico	Base e arranque de paredes	–	Verde amarelado	100 mm (Ø est.); 2,19 mm (esp.); 8,35 mm (alt.).	NO peninsular	Finais séc. IV-séc. V	Base ápode plana	1
Vid. 22	Copo cilíndrico?	Paredes	Bandas de estrias horizontais	Verde amarelado	– (Ø est.); 1,46 mm (esp.); 20,64 mm (alt.).	NO peninsular	Finais séc. IV-séc. V	Bandas paralelas	2
Vid. 23	Taça campanulada funda	Bordo	–	Verde	100 mm (Ø est.); 3,28 mm (esp.); 8,54 mm (alt.).	NO peninsular	2.ª metade século IV-séc. V	Bordo engrossado ao fogo	1
Vid. 24	Taça tronco-cónica	Bordo e paredes	Bandas de estrias horizontais	Verde	85 mm (Ø est.); 1,49 mm (esp.); 33,93 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV	Bordo em aresta	14
Vid. 25	Taça arqueada	Paredes	–	Incolor esverdeado	110 mm (Ø est.); 1,18 mm (esp.); 25,06 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV	–	6
Vid. 26	Taça arqueada ampla	Parede	–	Verde	130 mm (Ø est.); 2,21 mm (esp.); 22,88 mm (alt.).	NO peninsular – Braga?	2.ª metade século IV-séc. V	–	2
Vid. 27	Copo cilíndrico	Base e paredes	–	Verde	100 mm (Ø est.); 1,49 mm (esp.); 49,97 mm (alt.).	NO peninsular	Finais séc. IV-séc. V	–	3
Vid. 28	Taça campanulada funda?	Parede	Caneluras dilatadas	Verde claro	– (Ø est.); 1,56 mm (esp.); 20,97 mm (alt.).	NO peninsular	2.ª metade século IV-séc. V	Caneluras paralelas	1
Vid. 29	Não diagnósticas. Vários frag.	Paredes	Banda de estrias horizontais	Verde	1,75 mm (esp.); 24,52 mm (alt.).	NO peninsular	Século IV?	–	5



Fig. 1: Perspectiva geral do Campo da Ponte. Captada antes da definição dos limites da área de escavação a explorar no âmbito do Projecto GUIFARQ. Fotografia: A. Arezes.



Fig. 2: Espaço intervencionado em 2016, ano da primeira campanha de trabalhos arqueológicos. Em primeiro plano, a estrutura pêtrea parcialmente visível, no interior da qual figurava o depósito [11]. Fotografia: A. Arezes.

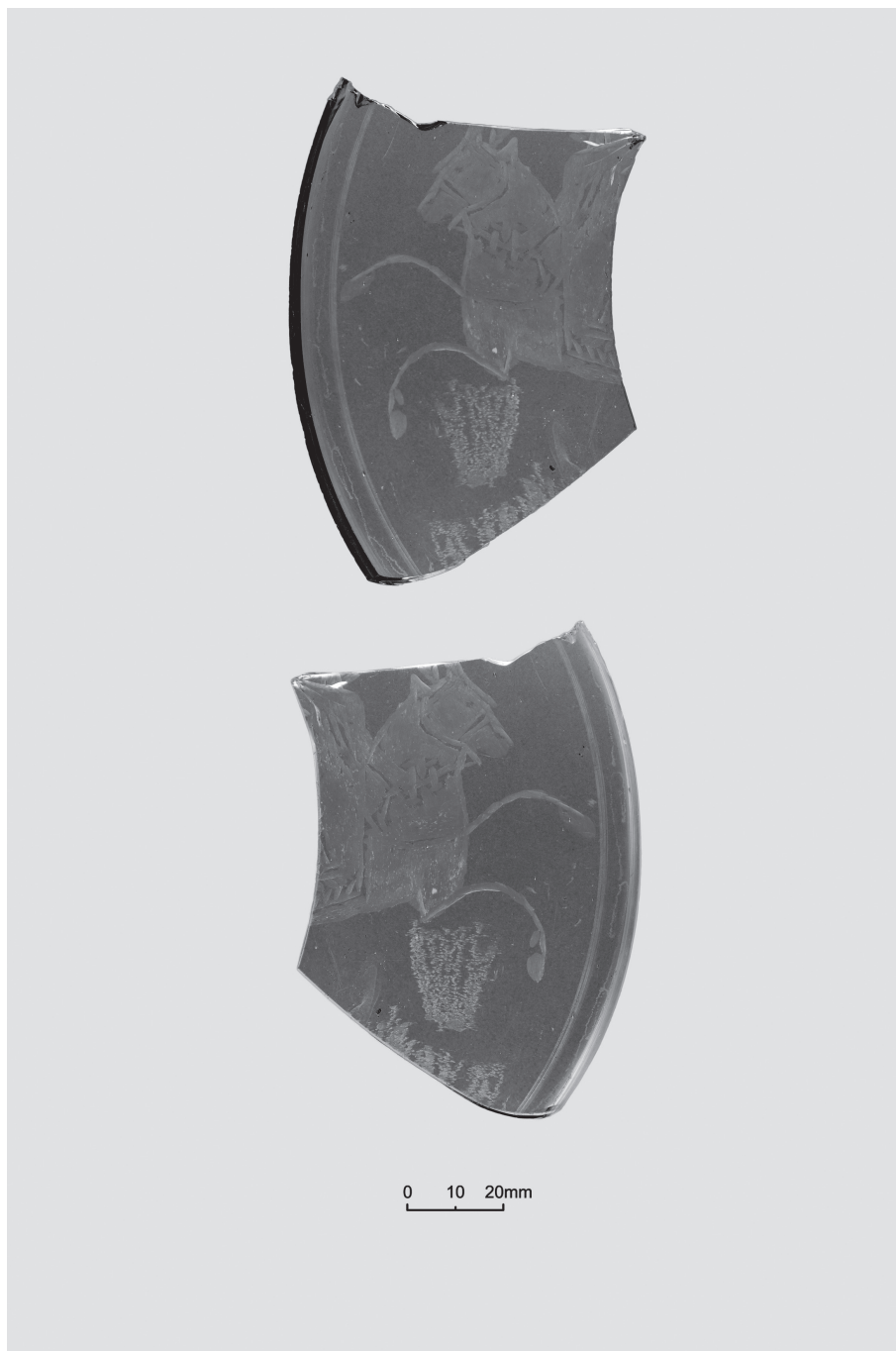


Fig. 3: Perspectiva das superfícies interna e externa do vidro com decoração figurativa gravada (Vid. 1). Fotografia de César Guedes.



Fig. 4: Representação gráfica do mesmo fragmento (Vid. 1). Desenho e composição de Rui Oliveira.

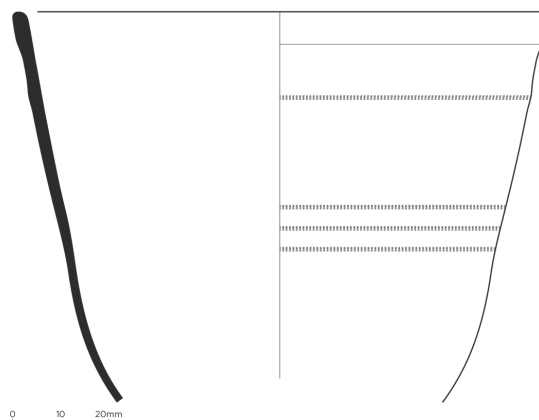
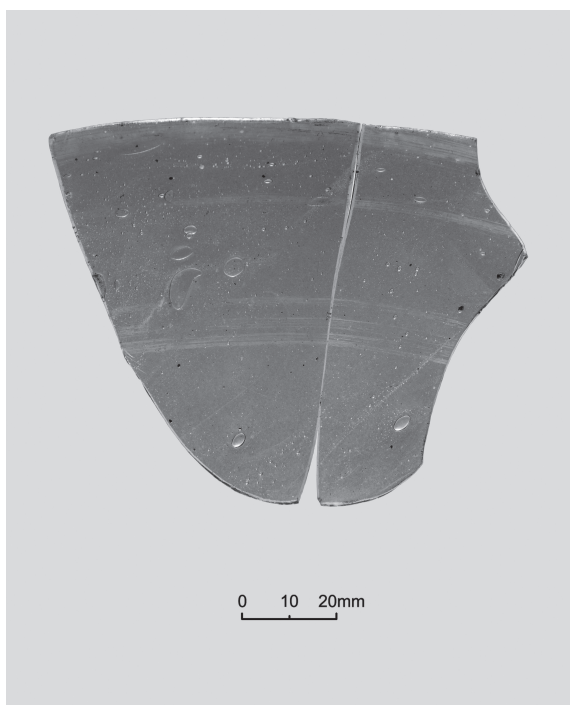


Fig. 5 e 6: Fragmentos de taça troncocónica, com bordo em aresta e parede decorada com bandas de estrias horizontais (Vid. 2). Fotografia de César Guedes e desenho de Rui Oliveira.

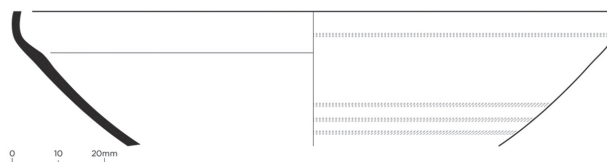
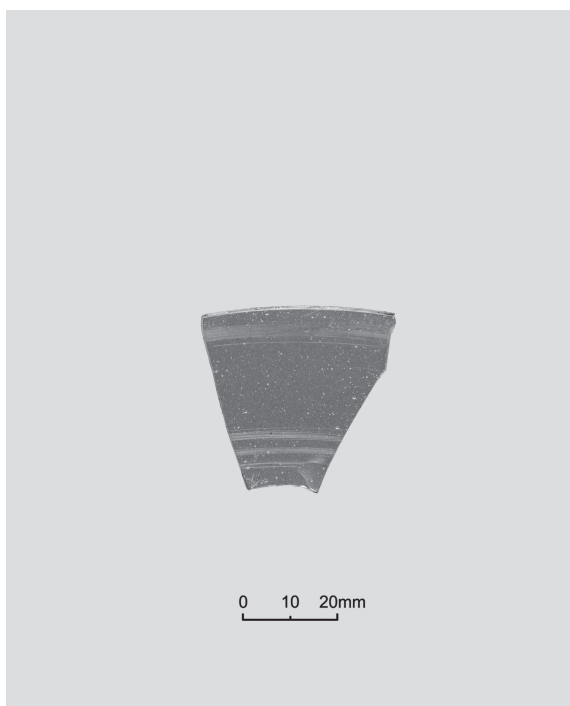


Fig. 7 e 8: Bordo em aresta viva e arranque de parede de taça arqueada ampla, decorada com bandas de estrias horizontais (Vid. 7). Fotografia de César Guedes e desenho de Rui Oliveira.

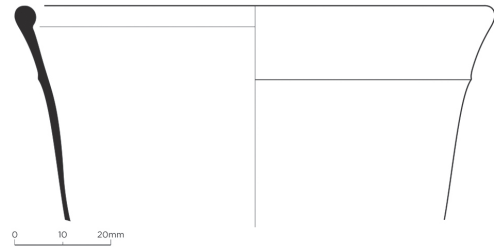
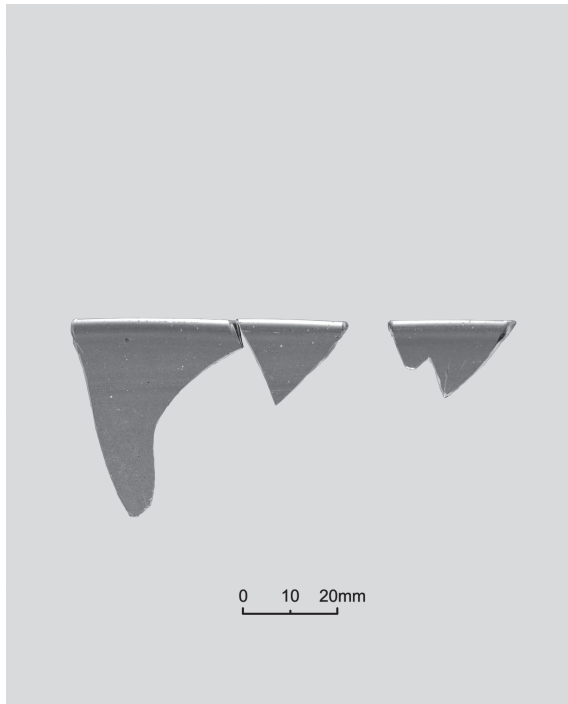


Fig. 9 e 10: Três fragmentos de uma taça campanulada funda, de cor verde, com bordo engrossado pelo fogo (Vid. 6). Fotografia de César Guedes e desenho de Rui Oliveira.

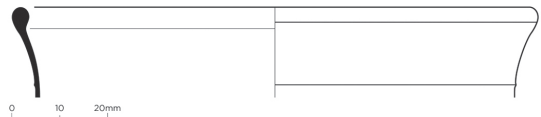
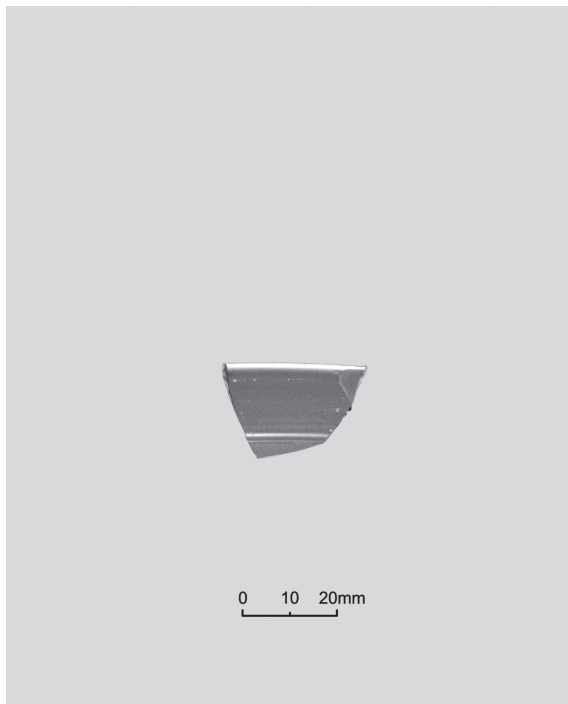


Fig. 11 e 12: Fragmento de bordo de taça campanulada funda, de tonalidade verde amarelada (Vid. 8). Fotografia de César Guedes e desenho de Rui Oliveira.

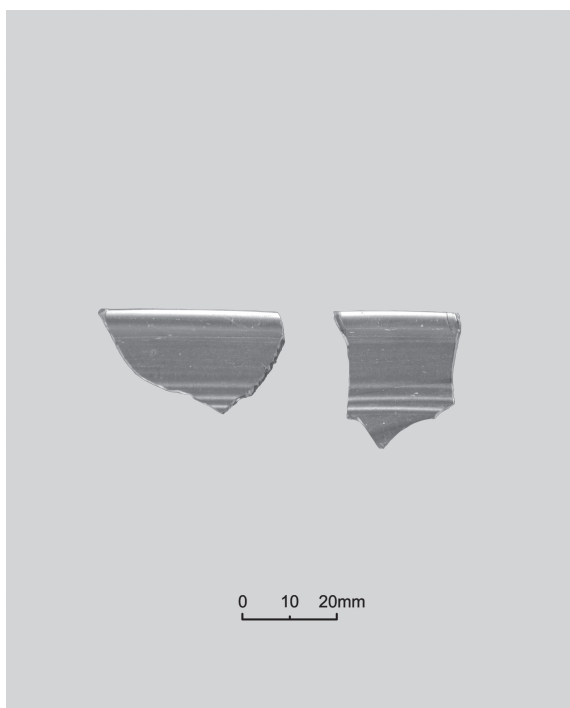


Fig. 13 e 14: Dois fragmentos do bordo de uma taça campanulada funda, com caneluras dilatadas na horizontal (Vid. 9). Fotografia de César Guedes e desenho de Rui Oliveira.

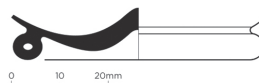
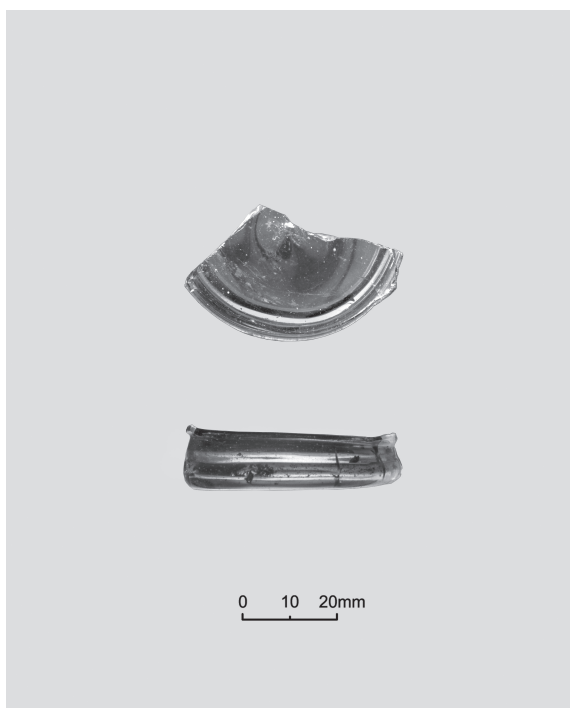


Fig. 15 e 16: Fragmento de pé anelar tubular de copo de paredes finas (Vid. 5). Fotografia de César Guedes e desenho de Rui Oliveira.

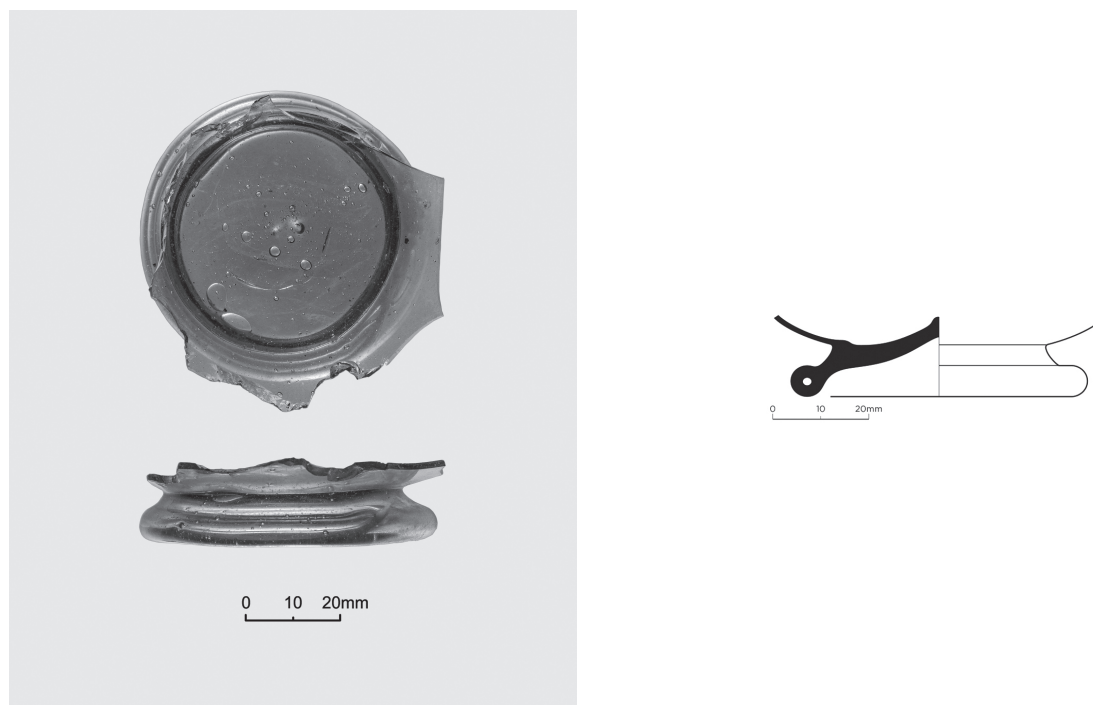


Fig. 17 e 18: Fragmento de pé anelar tubular de jarro (Vid. 3). Fotografia de César Guedes e desenho de Rui Oliveira.

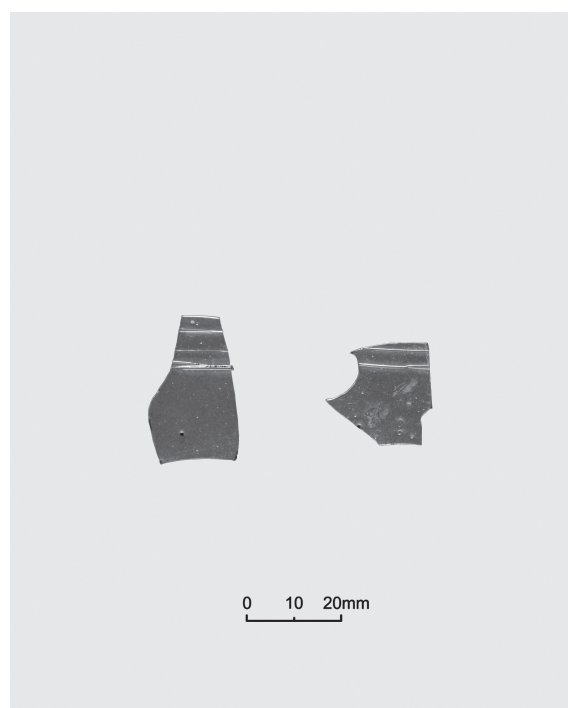


Fig. 19: Fragmentos de taça arqueada, com fios aplicados em relevo (Vid. 12). Fotografia de César Guedes.



Fig. 20: Conjunto exumado na necrópole de Beiral do Lima (Ponte de Lima). Integra dois copos cilíndricos com bordo em aresta (que constituem paralelo para alguns dos fragmentos recolhidos no Campo da Ponte) e uma taça campanulada funda, com bordo engrossado ao fogo e caneluras verticais. Fotografia: Museu D. Diogo de Sousa.